

SOUZA, Moisés José Rosa; ARENA, Dagoberto; MOREIRA, Melissa Velanga. A Escrita no Ensino Médio: uma proposta para apreensão e domínio da linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 65-87. 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2021V49.52868>

A ESCRITA NO ENSINO MÉDIO:  
UMA PROPOSTA PARA APREENSÃO E DOMÍNIO DA LINGUAGEM

WRITING IN HIGH SCHOOL:  
A PROPOSAL FOR SEIZING AND MASTERING LANGUAGE

Moisés José Rosa SOUZA  
(Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO)  
moisesjoserosasouza@hotmail.com

Dagoberto Buim ARENA  
(Universidade Estadual Paulista – UNESP)  
dagobertobuim@gmail.com

Melissa Velanga MOREIRA  
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO  
/ Universidade Federal de Rondônia – UNIR)  
melissavelangamoreira@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo refere-se à escrita de enunciados do gênero artigo de opinião e objetiva averiguar o desenvolvimento linguístico de alunos em atividade no ato de escrever. O fundamento teórico é a teoria da Filosofia da Linguagem, cuja linguagem é social, dinâmica e evolutiva no tempo e no espaço aos que dela fazem uso. A pesquisa envolveu sete alunas do Ensino Médio que nos possibilitaram demonstrar e discutir como os enunciados escritos foram se formando e ganhando substância linguística e de conteúdo. Como resultado, indica-se o desenvolvimento da escrita como ação que contribui para a expansão do domínio da expressão escrita dos envolvidos no processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; escrita; enunciado; desenvolvimento linguístico

**ABSTRACT:** *This article refers to the writing of statements of the opinion article genre and aims to investigate the linguistic development that occurs in students active in the act of writing. The theoretical foundation is the theory of Philosophy of Language, whose language is social,*

*dynamic and evolutionary in time and space. This research involved seven high school students, in which we demonstrated and discussed how the written statements were formed and gained linguistic substance and content. As a result, the development of writing is indicated as an action that contributes to the expansion of the domain of written expression of those involved in the process.*

**KEYWORDS:** *language; writing; statement; linguistic development*

## **1. Introdução**

A escrita caracteriza-se como um instrumento indispensável à vida em sociedade. Apreender e usar a escrita possibilita ao sujeito participar ativamente dos empreendimentos humanos, seja para compreender, significar e ressignificar os eventos por meio dos enunciados escritos, seja para se desenvolver intelectualmente. Logo, buscar e definir abordagens, estratégias e metodologias com vistas a minimizar dificuldades inerentes ao ato de escrever deve ser pauta constante nas instituições de ensino e, especificamente, na prática docente.

Investigar o assunto em questão justifica-se por muitas razões. Primeiramente, destacamos a relevância da linguagem para o homem, como ser social, e para tudo que o cerca, pois, como exprime Faraco (2009, p. 49), “vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações”. A linguagem escrita faz parte da vida das pessoas e, direta ou indiretamente, todos são, positiva ou negativamente atingidos por ela, até mesmo os que não dominam os atos de ler e escrever. Para que os jovens passem a dominá-la e dela fazerem uso efetivo, é preciso investigá-la, compreender suas funções sociais, aventar metodologias para seu ensino e desenvolvimento na escola ou fora dela. Ocupar-se com a questão da escrita é um ato para além da questão educacional; é, antes de tudo, um ato social, político e humano que precisa ser investigado porque:

Falar ou escrever é ativar sentidos e representações já sedimentados, que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo, agir, atuar socialmente (ANTUNES, 2012, p. 118)

Para tanto serão apresentados dados de um trabalho de escrita desenvolvido com sete alunas do Ensino Médio, em uma escola da rede Estadual de Rondônia, localizada no município de Vilhena. O processo realizado pode servir como proposta de atividade para o desenvolvimento da escrita em sala de aula.

Na consecução desse trabalho, na reflexão sobre linguagem e o processo de escrita, bem como sua análise, recorreremos a autores que concebem a linguagem como atividade inerente à vida humana e em construção permanente nos usos que os sujeitos fazem nos contextos sociais e culturais a que estão inseridos. Desses autores, destaca-se Volóchinov (2013, 2017). A ele, somam-se outros que discutem a linguagem e seu ensino na perspectiva da Filosofia da Linguagem.

O artigo está dividido em duas seções. Na primeira serão apresentadas discussões acerca da linguagem, com destaque à sua natureza constitutiva, e o processo de apreensão e escrita do gênero artigo de opinião das alunas participantes da investigação. Na seção seguinte constam fragmentos de enunciados em construção, destacando sua melhoria, bem como o desenvolvimento linguístico das alunas no processo de escrita.

## **2. A escrita: relevância e funções para o sujeito e sociedade**

Não é recente o uso de sinais registrados pelo homem. Mas a origem deles não só é remota, como também imprecisa. Sinais, desenhos, símbolos, usados para representar coisas, estados de espírito e situações existem desde que o homem passou a viver em pequenos grupos ou mesmo muito antes disso quando, ao construir uma ferramenta rudimentar ou abater um animal, registrava sua criação ou ação nas paredes de cavernas onde vivia. São apenas hipóteses. Interessa-nos, neste artigo, refletir sobre a escrita verbal, ou antes, como o ato de criar enunciados verbais escritos concorre para a melhoria do domínio da linguagem.

Apesar dos desafios da prática do ato de escrever, é necessário fomentá-lo por meio de ações que possibilitem ao aluno o domínio da linguagem escrita. É por meio dela que poderá ter acesso a culturas mais elaboradas, compreender a realidade da qual faz parte e humanizar-se.

Na perspectiva da Filosofia da Linguagem, a criação de enunciados, orais ou escritos, advém do processo interacional-linguístico-discursivo peculiar à natureza da linguagem, entendida como social, dinâmica e constitutiva. Os enunciados criados nunca se encontram acabados, mas, pelo curso e eventos linguísticos sociais, estão sujeitos a intervenções, modificações ou ressignificações de acordo com a intenção e uso dos que a eles têm acesso, reforçando o que disse Volóchinov (2017, p. 161), para o qual “a realidade da língua é a sua formação”, logo os enunciados são construções de linguagem em constante desenvolvimento na interação verbal.

A natureza constitutiva da linguagem (sua formação e mudanças) acompanha a realidade do homem, da cultura, da história e atua na

SOUZA, Moisés José Rosa; ARENA, Dagoberto; MOREIRA, Melissa Velanga. A Escrita no Ensino Médio: uma proposta para apreensão e domínio da linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 65-87. 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

própria formação humana, portanto compreender e mobilizá-la na modalidade escrita é de fundamental importância para que se compreendam, se conheçam e se registrem os eventos da vida. Perrotti (1990, p. 74 *apud* BAJARD, 2002, p. 62) assevera que:

[...] por mais que se tenham inventado técnicas, por mais que se tenham mobilizado linguagens diversificadas para a assimilação do saber, por maior que possa ser a crise do escrito na era individual, a realidade é que, nas condições atuais, o conhecimento formal não consegue prescindir do escrito.

De acordo com o autor, as pessoas afirmam que a escrita ocupa lugar de destaque na construção, permanência e propagação da ciência, da cultura, das artes verbais e dos saberes empíricos ou científicos existentes e os a serem gerados. No ato da escrita, como menciona Geraldi (2015b), evidenciam-se inúmeros fatores que vão além de condições, instrumentos e sujeitos envolvidos; o processo depende de conhecimentos prévios oriundos, sobretudo das interações, seja por meio de leituras, debates ou outro aspecto, linguísticas desenvolvidas entre o eu escrevente e outro ou outros interlocutores.

Sem um trabalho efetivo que vise ao domínio da linguagem escrita, o sujeito pode ser privado de compreender e expressar o que deseja. Na escrita, mas não apenas nela, reside a força motriz que impulsiona o sujeito a agir socialmente e que o possibilita realizar atos que formam a realidade, pessoal e social, dimensionando o desenvolvimento humano. Sua amplitude, portanto, está na capacidade de se metamorfosear e, ao se transformar, constrói a história. Nesse turno, sobre a relevância da escrita para o sujeito e para a sociedade, Geraldi (2015b, p. 140 e 141) afirma que:

[...] o processo de fixação de valores demanda o convívio com discursos materializados nos textos; os valores e as concepções circulam através dos textos e sem eles a escola não cumpriria uma de suas funções mais sofisticadas: a reprodução de valores com que compreender o mundo, os homens e suas ações.

O que, de fato, impõe-se a todos os professores é criar condições para desenvolver ações que propiciem a apreensão e domínio dos atos de escrita, como fenômeno de compreensão, interação e expressão, necessário aos sujeitos sociais. Isso deve ser objetivo fundamental da escola que, segundo Possenti (1996, p. 33), precisa propor atividades que privilegiem “ler e escrever, discutir e reescrever, reler e reescrever mais, para escrever e ler de forma sempre mais sofisticada”.

Essa conduta de trabalho no âmbito escolar e na prática docente coaduna-se com os postulados da Filosofia da Linguagem, os quais

privilegiam a construção de enunciados verbais, orais ou escritos, em sala de aula ou em outros espaços. Os enunciados construídos na ótica interacional e dialógica da linguagem propiciam um horizonte de possibilidades de aprender, expressar, interagir, ou seja, viver em sociedade.

Todos devem ter direito à expressão e ao desenvolvimento intelectual. Depois de Gutemberg, quando a produção e circulação de conhecimento por meio de enunciados verbais ganharam uma dimensão social, não é possível imaginar que as práticas de linguagem, como a leitura e escrita, estejam à margem do processo de ensino e aprendizagem em qualquer área do conhecimento. À escola compete ensinar e fomentar atos de ler e escrever, para que os alunos possam participar da dinâmica de receber e produzir conhecimentos tempo afora. A ratificação da relevância e a atuação da linguagem, sobretudo na dimensão escrita, com suas funções efetivas nos contextos social, histórico e interacional, para o sujeito são explicadas por Colello (2012, p. 16 e 19), que afirma:

Se a linguagem é a maior das invenções humanas, a escrita é a maior conquista da civilização, motivo pelo qual ela marca o início da história da humanidade. Graças às suas características, a escrita promove uma ruptura com o espaço (interlocução a distância), como o tempo (permanência do texto como portador autônomo) e com as exigências dialógicas primárias da interlocução (intercâmbio na ausência do outro), ampliando indiscutivelmente os limites da existência humana.

As palavras da autora coadunam-se com o entendimento de Geraldini (1996 p. 100), para o qual “a conquista humana do domínio da técnica da escrita alarga incomensuravelmente, no tempo e no espaço, os horizontes de nossas possibilidades interativas e por isso mesmo da constituição de nossas consciências”.

Por fim, utilizou-se da contribuição de Bajard para reforçar a pertinente discussão acerca da expressão escrita para o desenvolvimento do sujeito. Para o autor francês, “[...] praticando a produção de textos, se aprende não apenas a escrever, mas também se cresce em termos do domínio da língua escrita [...]” (BAJARD, 2002, p. 60).

## 2.1 O processo de apreensão do gênero *artigo de opinião*

O processo de escrita dos artigos de opinião foi iniciado no início do mês de setembro de 2019 e se estendeu até dezembro. Participaram, desse estudo, sete alunas do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no município de Vilhena, Estado de Rondônia. Ao todo, foram realizados dois encontros semanais, às terças

e quintas-feiras, das 19h às 20h30, totalizando aproximadamente vinte e cinco encontros, dos quais resultaram os artigos de opinião, cujos fragmentos serão apresentados e discutidos na segunda seção. Para a apresentação e discussão dos fragmentos, optou-se por nominar os sujeitos do processo de escrita como aluna 1, aluna 2, aluna 3, aluna 4, aluna 5, aluna 6 e aluna 7, bem como, para evitar repetições, por vezes, foram utilizados os termos autora(s) e articulista(s) para se referir a elas.

No primeiro encontro, apresentamos as razões, a metodologia e o objetivo da pesquisa, posteriormente iniciamos o trabalho indagando se elas conheciam ou já tinham elaborado um artigo de opinião no decorrer dos anos finais da Educação Básica. Todas afirmaram que já tinham ouvido falar, mas nunca o tinham feito, logo não sabiam exatamente o que era. Diante desse fato, foi solicitado que elas lessem dois artigos por meio dos quais foram explicadas as características do gênero.

Depois da leitura, propusemos um diálogo sobre esse gênero, destacando-se suas características e função social. Além disso, esclarecemos que se exige do articulista uma elaboração mais apurada, tanto na forma como no conteúdo, com apresentação e discussão de um assunto, bem como a formulação de argumentos que embasem um posicionamento sobre ele, pois sua natureza é suscitar novas discussões. Segundo o *Caderno do professor: ponto de vista, da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa*, edição de 2019<sup>1</sup>, artigo de opinião é um gênero jornalístico argumentativo escrito, geralmente publicado em jornais, revistas e em *blogs*, sempre assinado por um articulista, que é uma autoridade no assunto ou uma pessoa de representatividade social. Por meio de citação, evidenciamos que o gênero:

[...] historicamente tem seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais que são notícia jornalística. É um dos gêneros onde os participantes da interação reconhecem e assumem esse trabalho. (RODRIGUES, 2005, p. 171)

Destacamos que a função social do artigo é, em tese, abrir, manter e alimentar o debate de questões relevantes de interesse público, o que faz dele um veículo para a construção de soluções e um excelente meio para construção e exercício da cidadania.

Com os exemplos lidos, as alunas puderam perceber que, ao escrever um artigo, o articulista parte de uma questão polêmica de relevância social, criada em torno de um fato que foi ou está sendo notícia. Sem questão polêmica não existe artigo de opinião, então o

---

<sup>1</sup> Trata-se de um concurso de produção de textos para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, de escolas públicas de todo o país (<https://www.escrevendoofuturo.org.br>)

articulista, ao escrevê-lo, assume uma posição, defende-a com argumentos sólidos e dialoga com diferentes pontos de vista que circularam em torno da polêmica, aceitando ou refutando-os.

Na sequência, foi explicado às alunas que aprender a ler e a escrever artigos de opinião propicia ao sujeito participar, com argumentos convincentes, das discussões sobre as questões relevantes da realidade. Esse processo de formar opinião sobre assuntos que afetam, positiva ou negativamente, as pessoas pode contribuir para que se formem como cidadãos e cidadãs. Rocha (2012) esclarece que o artigo de opinião está imerso em uma teia discursiva, pois se refere a outro texto ou a acontecimento, que diz respeito à maioria, despertando, assim, interesse nos leitores.

Apesar de existirem várias possibilidades de organizar o gênero artigo de opinião, houve a preocupação de apresentá-lo da maneira mais didática possível. Então, a estrutura proposta para as alunas criarem os artigos foi a seguinte:

### **Introdução**

- apresentação da questão (assunto) a ser discutida;
- explicitação da tese (posicionamento assumido).

### **Desenvolvimento**

- criação e exposição de argumentos que sustentem a tese defendida;
- exposição de posição ou posições contrárias;
- retomada da posição assumida e exposição de argumentos que refutam a posição contrária.

### **Conclusão**

- intervenção (possibilidades de negociação e sugestões);
- conclusão (ênfase no posicionamento defendido).

Depois de lerem artigos, discutirem sobre suas características e estrutura, as alunas iniciaram a criação da primeira parte de seus artigos, ou seja, a introdução. Para isso, ratificamos que, na introdução, elas deveriam expor o assunto a ser tratado e definir a tese para posterior defesa argumentativa.

Na seção seguinte, apresentamos o processo de escrita e reescrita de enunciados verbais em que fica evidente o avanço no domínio da linguagem escrita e na construção de conteúdo sobre diversos assuntos, bem como o desenvolvimento linguístico das alunas-autoras por meio do ato de escrever enunciados verbais.

### 3. O processo de construção escrita

Até então, relatamos o trabalho que antecedeu a criação do gênero. Na sequência, passamos a expor o processo de construção da escrita.

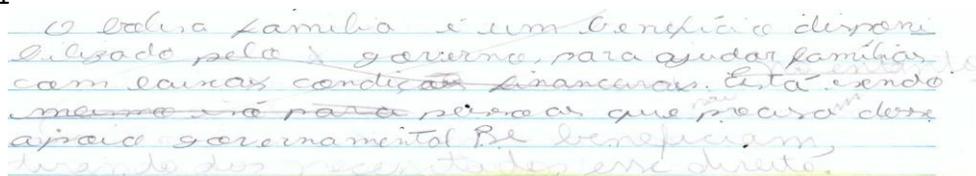
No final de setembro de 2019, decorrido quase um mês do início do experimento, as alunas, já de conhecimento do gênero, passaram a criá-lo. Inicialmente, solicitamos que elas pensassem e listassem assuntos que estavam em voga e que suscitavam debates na sociedade.

À medida que citavam, foi possível analisar em que medida o assunto de fato era relevante. Com o aval da maioria, listamos aqueles que, flagrantemente, estavam presentes na sociedade e eram polêmicos, logo passíveis de discussão e matéria para a escrita, já que, como diz Amossy (2018, p. 130), "é preciso ainda considerar a questão da divergência de pontos de vista, que está na base da argumentação".

Os assuntos destacados, em um primeiro momento, foram: cotas; bolsa família; o choque de gerações; aborto; doação de sangue, meio ambiente; gravidez na adolescência; educação sexual nas escolas; namoro na escola, entre outros. É importante esclarecer que as alunas tiveram total liberdade para definir o assunto para a escrita. Por ser escolha individual e os temas serem diferentes, reiteramos que, além do conhecimento que cada uma delas tinha sobre o assunto, era preciso ler enunciados e buscar em outras fontes informações para compreender de modo mais amplo o assunto sobre o qual se propusera a escrever. Na sequência, optamos por apresentar a forma original digitalizada e a transcrita com o objetivo de demonstrar a fidelidade do que fora escrito, bem como para facilitar a leitura.

A seguir, há um fragmento em que a aluna 1 introduz seu artigo. Nota-se que há nele exposição bastante superficial do assunto Bolsa Família, sem posicionamento definido, ou seja, não é possível saber se a articulista vai se posicionar contra ou a favor em relação ao Programa de concessão de benefícios.

Aluna 1



A bolsa família é um benefício disponibilizado pelo governo para ajudar famílias com baixas condições financeiras. No entanto, (Está sendo mesmo para pessoas que precisam desse apoio governamental) pessoas que não precisam desse apoio governamental se beneficiam, tirando dos necessitados esse direito.

O bolsa família é um benefício disponibilizado pelo governo para ajudar famílias com baixas condições financeiras. No entanto, (Está sendo mesmo para pessoas que precisam desse apoio governamental) pessoas que não precisam desse apoio governamental se beneficiam, tirando dos necessitados esse direito. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 1 - transcrição).

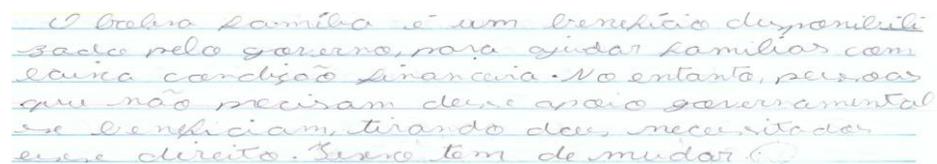
Essa conduta de escrita ocorreu praticamente com todas as alunas. À medida que escreviam, traziam o trecho para que pudéssemos ajudá-las. Inicialmente líamos silenciosamente e, em seguida, em voz alta, para que a redatora compreendesse, por exemplo, a falta de sentido ou a fragilidade do que escrevera. Com isso, destacávamos o que era interessante, bem como tecíamos elogios a elas por isso, questionando o que julgava estranho. Dizia qual era a intenção e, por vezes, reconhecia que precisava escrever melhor.

Nessa interação, sugeríamos a retirada, substituição ou inserção de palavras e expressões, as quais poderiam melhorar a forma de expressão do conteúdo discursivo. No trecho acima, pelas marcações presentes, é possível perceber claramente a realização de um trabalho individualizado. O objetivo era levá-las a refletir sobre a própria escrita, reconhecer as partes relevantes, detectar os equívocos cometidos e, assim, reescrevê-lo satisfatoriamente.

O processo evidenciou que o enunciado foi se construindo pela interação discursiva entre pesquisadores e sujeito, bem como pela apreensão do assunto tendo-se como base outros discursos mediados pelo ato de ler.

Depois da interação, de novas leituras sobre o assunto, chegou-se à escrita final:

Aluna 1

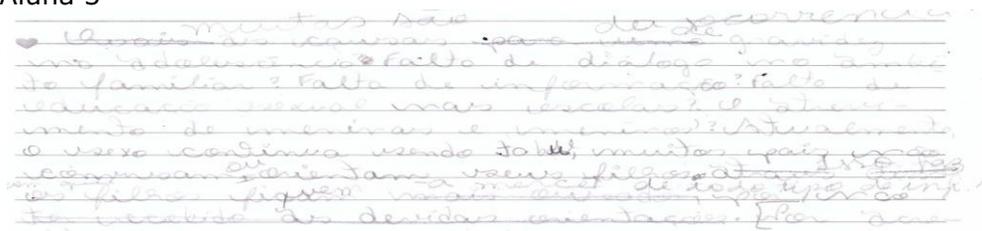


O bolsa família é um benefício disponibilizado pelo governo para ajudar famílias com baixa condição financeira. No entanto, pessoas que não precisam desse apoio governamental se beneficiam, tirando dos necessitados esse direito. Isso tem de mudar 😊

O bolsa família é um benefício disponibilizado pelo governo para ajudar famílias com baixa condição financeira. No entanto, pessoas que não precisam desse apoio governamental se beneficiam, tirando dos necessitados esse direito. Isso tem de mudar. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 1 - transcrição).

Assim, como ocorreu no exemplo anterior, o trecho seguinte, escrito pela aluna 3, demonstra o antes e o depois, ou seja, as mudanças ocorridas por meio do trabalho realizado em sala. O fragmento a seguir, referente ao assunto gravidez na adolescência, é emblemático para demonstrar o avanço dos sujeitos no processo de escrita.

Aluna 3

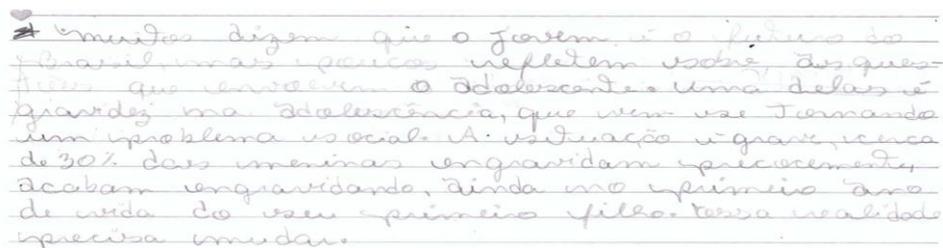


Muitas são as causas da ocorrência de gravidez na adolescência. Falta de diálogo no ambiente familiar? Falta de informação? Falta de educação sexual nas escolas? O atrevimento de meninas e meninos? Atualmente o sexo continua sendo um tabu, muitos pais não conversam ou orientam seus filhos. Isso faz com que os filhos fiquem à mercê de todo tipo de inf., não as devidas orientações. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 3 - transcrição).

Muitas são as causas da ocorrência de gravidez na adolescência. Falta de diálogo no ambiente familiar? Falta de informação? Falta de educação sexual nas escolas? O atrevimento de meninas e meninos? Atualmente o sexo continua sendo um tabu, muitos pais não conversam ou orientam seus filhos. Isso faz com que os filhos fiquem à mercê de todo tipo de inf., não as devidas orientações. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 3 - transcrição).

Verifica-se que a aluna escreveu, no primeiro momento, uma introdução, cujos elementos não (ou pouco) se enquadram nessa parte do gênero, pelo menos do ponto de vista estrutural estudado. Ela iniciou o artigo expondo as causas do problema, sem ao menos mencioná-lo anteriormente. Em seguida, iniciou a discussão, que se caracteriza como elemento da parte denominada de desenvolvimento, como se nota em: “Atualmente o sexo continua sendo um tabu, muitos pais não conversam ou orientam sus filhos”. Após a sessão dialógica, em que lemos juntos o fragmento e, por meio de questionamentos e sugestões, ela o reescreveu conforme exposto a seguir:

Aluna 3



Muitos dizem que o jovem é o futuro do Brasil, mas poucos refletem sobre as questões que envolvem o adolescente. Uma delas é a gravidez na adolescência, que vem se tornando um problema social. A situação é grave, cerca de 30% das meninas engravidam precocemente, acabam engravidando, ainda no primeiro ano de vida do seu primeiro filho. Essa realidade precisa mudar.

Muitos dizem que o jovem é o futuro do Brasil, mas poucos refletem sobre as questões que envolvem o adolescente. Uma delas é a gravidez na adolescência, que vem se tornando um problema social. A situação é grave, cerca de 30% das meninas engravidam precocemente, acabam engravidando, ainda no primeiro ano de vida do seu primeiro filho. Essa realidade precisa mudar. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 3 - transcrição).

Julgamos importante mostrar esses fragmentos para evidenciar o desenvolvimento das alunas por meio da interação dialógica, das leituras empreendidas no ato de ler, do ato de escrever e reescrever até se chegar a um texto satisfatório, à altura de integrar o fluxo discursivo-argumentativo para que outros pudessem aprender seu conteúdo e continuar o diálogo na dinâmica da vida em sociedade.

Consideramos flagrante a transformação decorrente das releituras e reescritas no processo. Foi um trabalho árduo, mas exitoso. É justo registrar a humildade das alunas em ouvir as críticas e aceitá-las, bem como o empenho delas para fazer o melhor. Essa conduta foi fundamental para a criação dos enunciados. De outra forma, talvez não fosse possível o êxito, dada a complexidade inerente ao ato de escrever.

A versão final do fragmento discutido anteriormente encontra-se diferente do que fora escrito na segunda versão e, mais substancialmente, da primeira:

Dizem que os jovens são o futuro da nossa nação. O que há de verdade nessa afirmação? Quem diz isso reflete sobre todas as questões que envolvem a juventude? E os problemas são levados em conta? Pode-se citar um deles: gravidez na adolescência. Esta sim é uma questão que pode comprometer qualquer futuro, entre tantos outros acontecimentos que envolvem esse período da vida (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 3).

Talvez ainda seja prematuro falar em desenvolvimento da consciência linguística, já que o trabalho de criação dos artigos estava apenas se iniciando. Mesmo que seja ousadia afirmar, o fato é que notamos mudanças significativas nas alunas. Não foram apenas alterações na escrita, quanto à melhoria da *introdução*, como mostrado anteriormente, que nos fizeram perceber o crescimento. Percebemos que elas passavam a agir, expressar-se e, principalmente, tratar o assunto objeto da escrita com maior rigor. Sobre a mudança das alunas diante da linguagem escrita, Geraldi (2015b, p. 169) afirma que:

Aprender a escrever traz consigo suas dificuldades específicas. Escrever nunca é só um processo simples de transcrever a fala para a escrita ou traduzir as palavras faladas em signos escritos. [...] O principal problema da escrita é torna-se consciente de seus próprios atos. Em suma, escrever significa conscientizar-se de sua própria "fala", ou seja, prestar atenção aos recursos linguísticos mobilizados ou mobilizáveis segundo o projeto de dizer definido para o texto em elaboração.

Essa reflexão e percepção vêm ao encontro da própria concepção da Filosofia da Linguagem, em que o sujeito vai se constituindo à medida que participa do fluxo da linguagem em atividade, seja comunicando, recebendo ou expressando-se de forma oral ou escrita o que quer que

SOUZA, Moisés José Rosa; ARENA, Dagoberto; MOREIRA, Melissa Velanga. A Escrita no Ensino Médio: uma proposta para apreensão e domínio da linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 65-87. 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

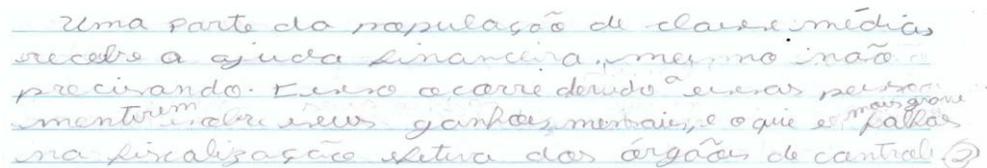
seja. Esse entendimento encontra ressonância no que escreveu Volóchinov (2017, p. 198) ao afirmar que:

[...] a língua movimenta-se adiante justamente com o fluxo, pois é inseparável dele. Na verdade, ela não é transmitida; ela é continuada, mas como um processo de formação ininterrupto. Os indivíduos não recebem em absoluto uma língua pronta, eles entram nesse fluxo da comunicação discursiva, ou mais precisamente, é nesse fluxo que a sua consciência se realiza pela primeira vez.

Acreditamos que o processo de criação de enunciados argumentativos do gênero artigo de opinião começou a atuar na melhoria do domínio da linguagem, de forma mais evidente, quando as alunas reconheceram estar participando desse fluxo constitutivo da linguagem na realização das ações inerentes ao ato de escrever. Os debates sobre um tema, o confronto argumentativo e as trocas de ideias, enfim os usos cotidianos da linguagem e as reflexões acerca deles, aliado ao esforço intelectual imprescindível à escrita, propiciaram, mesmo que de modo embrionário, o avanço no domínio do ato de escrever.

A seguir, há um parágrafo ilustrativo acerca de nossa afirmação. Nele, nota-se uma repetição do que fora escrito na introdução. É, basicamente, uma sucessão de sentenças que culminam em uma discussão rasa, erigida do conhecimento prévio sobre o assunto.

Aluna 1



Uma parte da população de classe média recebe a ajuda financeira, mesmo não precisando. Isso ocorre devido a essas pessoas mentirem sobre seus ganhos mensais, e o que é mais grave falhas na fiscalização efetiva dos órgãos de controle. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores - aluna 1 - transcrição)

Uma parte da população de classe média recebe a ajuda financeira mesmo não precisando. Isso ocorre devido a essas pessoas mentirem sobre seus ganhos mensais, e o que é mais grave falhas na fiscalização efetiva dos órgãos de controle. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores - aluna 1 - transcrição).

A versão definitiva do fragmento após nossas intervenções e reescritas da aluna ficou assim:

Uma parte da população de classe média recebe a ajuda financeira, mesmo não precisando. Isso ocorre devido a essas pessoas mentirem sobre seus ganhos mensais e, o que é mais grave, por haver falhas na fiscalização efetiva dos órgãos de controle. Para

combater fraude, há o CadÚnico<sup>2</sup> por meio dele são analisados os dados das famílias, para verificar se a pessoa que está solicitando o benefício necessita mesmo. Como diz Newton, ao se referir à lei da ação e reação, toda força gera como reação outra força; isso significa que se pessoas que não precisam do benefício forem beneficiadas, acabará tirando de quem precisa de verdade. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 1)

Não é apenas o tamanho do parágrafo que chama a atenção, mas, sobretudo, seu conteúdo. Na primeira versão, há uma informação de que *“parte da população de classe média recebe ajuda financeira mesmo não precisando”* e, adiante, são apresentadas duas causas para o fato: *“essas pessoas mentirem sobre seus ganhos e falhas na fiscalização dos órgãos de controle”*. O fragmento carece de discussão, de interlocução com outros discursos, de citações e, principalmente, de insistência na explicação e análise acerca do quanto a realidade apresentada pode influenciar negativamente na sociedade.

O que não se nota no trecho aparece na versão definitiva. Nela a articulista continua com base no que escreveu na versão preliminar, mas o complementa, discutindo as informações e reforçando o posicionamento por meio da citação de Newton e referência ao CadÚnico.

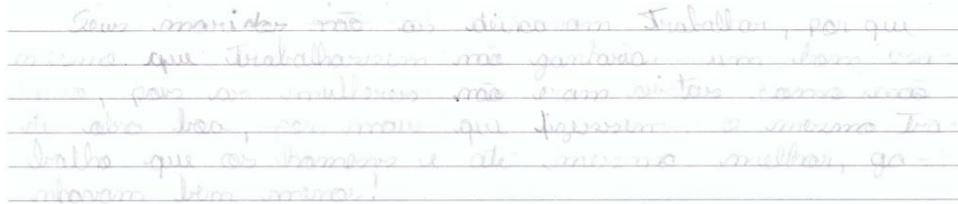
Quando nos deparávamos com situações em que a aluna que estava sendo atendida criava parágrafos apenas com informações, pausávamos o atendimento individual e nos dirigíamos a todas elas esclarecendo que, para além das informações apresentadas, era necessário explicá-las e debatê-las, mencionando suas causas ou consequências; trazer dados e citações que as reforçassem; assim estariam construindo a defesa da tese com base em argumentação sólida.

A seguir, apresentamos mais ocorrências que exemplificam e confirmam a reflexão e discussão empreendidas. Ambas são versões construídas inicialmente e são os primeiros parágrafos após a introdução e pertencem às alunas 5 e 7, respectivamente.

---

<sup>2</sup> É um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza. Essas informações são utilizadas pelo Governo Federal, pelos Estados e pelos municípios para implementação de políticas públicas capazes de promover a melhoria da vida dessas famílias.

#### Aluna 5



Seus maridos não as deixam trabalhar, pois mesmo que trabalhassem não ganhariam um bom salário, pois as mulheres não eram vistas como mão de obra boa, mesmo que fizessem o mesmo trabalho que os homens e até mesmo melhor, ganhavam bem menos! (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 5).

#### Versão definitiva após intervenções:

Os maridos não deixavam as esposas trabalharem, mas, mesmo que trabalhassem, não ganhariam um bom salário, pois as mulheres não eram vistas como mão de obra boa. Por mas que fizessem o mesmo trabalho, ou até mesmo melhor, que os homens, ganhavam bem menos, o que claramente era (é) uma injustiça. Por mais que isso fosse comum em séculos passados, hoje em dia ainda se vê muito isso, mulheres trabalhando em funções iguais a de homens e ganhando um salário inferior ao deles. Alguns homens não gostam quando sua esposa/namorada ganha mais que eles, porque de certa forma se sentem inferiores, e assim até pedem ou fazem sua companheira sair do emprego, para satisfazer o seu ego machista! (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 5)

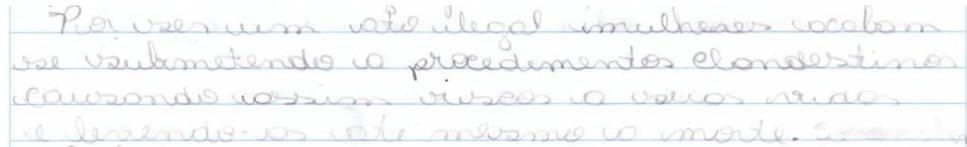
A articulista, que inicialmente apenas apresentou duas informações, sendo a primeira referente ao fato de os maridos não deixarem as esposas trabalharem e, em seguida, a questão de que se trabalhassem, as mulheres ganhariam menos que os homens, pois *"não eram vistas como mão de obra boa"*, na versão definitiva, nota-se que ela discutiu as duas questões. Além disso, argumenta afirmando que o fato ocorre há tempos *"Por mais que isso fosse comum em séculos passados, hoje em dia ainda se vê muito isso"*, logo é um problema persistente e que deve ser combatido e continua a construção argumentativa, expondo as causas dessa conduta social machista afirmando que os homens assim agem porque *"de certa forma se sentem inferiores"* e precisam *"satisfazer o seu ego machista!"*.

Em relação à argumentatividade, a primeira versão carece de conteúdo persuasivo. Ao contrário, na parte definitiva, ela cria um arcabouço discursivo-argumentativo em que coloca o leitor, sobretudo o do sexo masculino, numa situação complicada: ou é machista ou inferior à mulher. Por serem características negativas à condição masculina, resta

ao leitor tratar a mulher com igualdade, concedendo-lhe os mesmos direitos do homem, para não ser considerado machista ou inferior.

No fragmento a seguir, a aluna 7 inicialmente escreveu:

Aluna 7



Por ser um ato ilegal mulheres acabam se submetendo a procedimentos clandestinos causando assim riscos a suas vidas e levando-as até mesmo a morte (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 7 - transcrição).

Após todas as ações desenvolvidas no processo, a versão reescrita ficou assim:

Por ser um ato ilegal mulheres acabam se submetendo a procedimentos clandestinos causando assim maiores riscos à saúde e à vida, pois um procedimento incorreto e sem condições higiênicas pode levar também à morte. Estima-se que mais de 20 mil mulheres morrem anualmente em decorrência de abortos inseguros feitos em condições degradantes, segundo o Instituto Guttmacher. A criminalização do aborto não é obstáculo para que seja praticado de maneira clandestina. No entanto, em clínicas não confiáveis e sem acompanhamento médico a vida delas corre perigo. Por se tratar de uma prática ilegal não há dados concretos quanto à quantidade de ocorrências. O fato se agrava quando, até mesmo os abortos previstos em lei, são subnotificados. Isso ocorre porque muitas das que fazem a interrupção por conta própria sofrem consequências e têm que recorrer ao Sistema único de Saúde – SUS – para atendimento. (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 7 - transcrição).

Como já afirmamos, não é apenas a extensão dos parágrafos que denota crescimento na formação da consciência linguística das alunas ao efetivarem o ato de escrever. O trabalho possibilitou, além do desenvolvimento no ato de leitura, com expansão da forma de apreender e produzir significados dos enunciados, ampliar o conhecimento da linguagem e potencializar a capacidade de dialogar com outros discursos e por meio deles aprofundar o debate do assunto. Isso posto, acreditamos que o trabalho realizado concorreu para o crescimento linguístico das alunas porque “[...] a noção de trabalho linguístico exige incorporar o processo de produção de discursos como essencial, de modo que não se trata mais de aprender uma língua para dela se apropriar, mas tratar-se de usá-la e, em usando-a, aprendê-la” (GERALDI, 1996 p. 53).

Comparar as versões de um mesmo fragmento, como demonstrado anteriormente, serve para averiguar como a linguagem atua, como os significados vão se constituindo no processo de escrita e, ainda, constatar

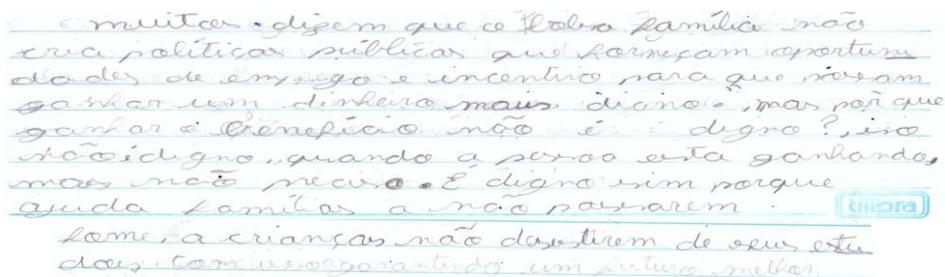
como esse progresso concorre tanto para melhoria da própria escritura em si, como para o crescimento de quem o pratica, pois a escrita é uma construção social que marca a história humana e a de cada indivíduo (GARCEZ, 2002).

A reflexão sobre o desenvolvimento das alunas, percebida no processo de criação escrita, é pertinente por várias razões, dentre elas encontra-se o fato de a linguagem não ser algo acabado, estático, ou entendida como um conjunto de normas e regras pelas quais trafega o falante ou escrevente nos usos cotidianos. Pelo contrário, sua característica dinâmica, interativa e social é prova cabal de que está em construção permanente pelos usos (orais ou escritos) que todos fazem dela.

Ao iniciar a criação dos artigos de opinião, é crível dizer que as alunas não só começaram a perceber a linguagem como processo social, como passaram a reconhecer, nos atos de ler e escrever, possibilidades de expansão do que já sabiam. Isso corrobora o que afirmou Volóchinov (2017, p. 220), ao postular que “a língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Essa percepção provava-se, cada vez mais, à medida que avançavam no ato de escrever. Às vezes, ao ver um enunciado concluído, pensa-se tratar-se de algo acabado, definitivo, mas escapa dessa visão estreita todo o processo realizado para constituí-lo.

A atividade de criação prosseguia e, ao ler o que escreviam, na parte do desenvolvimento, percebíamos que ainda tinham dificuldades para trazer ao seu enunciado posicionamentos contrários e dialogar com eles, discutindo e refutando-os, o que é uma marca do gênero em questão. A seguir, constam dois exemplos dessa ocorrência.

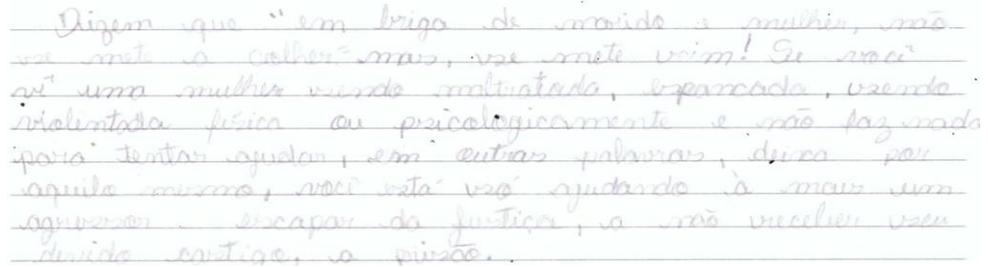
Aluna 1



*é muitas, dizem que o Bolsa Família não cria políticas públicas que forneçam oportunidades de emprego e incentivo para que possam ganhar um dinheiro mais digno, mas por que ganhar o benefício não é digno? isso não é digno, quando a pessoa está ganhando, mas não precisa. É digno sim porque ajuda famílias a não passarem fome, a crianças não desistirem de seus estudos. Com isso garantindo um futuro melhor.*

Muitos dizem que o bolsa família não cria políticas públicas que forneçam oportunidades de emprego e incentivo para que possam um dinheiro mais digno. Mas por que ganhar o benefício não é digno? Só não é digno quando a pessoa está ganhando, mas não precisa. É digno sim porque ajuda famílias a não passarem fome, a crianças não desistirem de seus estudos. Com isso garantindo um futuro melhor (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 1).

Aluna 5



Dizem que "em briga de marido e mulher, não se mete a colher" mas, se mete sim! Se você vê uma mulher sendo maltratada, espancada, sendo violentada física ou psicologicamente e não faz nada para tentar ajudar, em outras palavras, deixa por aquilo mesmo, você está só ajudando a mais um agressor escapar da justiça, a não receber seu devido castigo, a prisão (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 5 – transcrição)

Verifica-se que as alunas 1 e 5 mencionam haver pessoas com posicionamento contrário à tese que defendem, mas sem aprofundamento. Como já explicado, é característico do gênero dialogar com pontos de vista contrários e refutá-los, pondo em xeque sua validade e contrapondo-os com argumentos que reforcem a tese defendida. Isso não é notado nos fragmentos anteriores, mas, na versão final, fica evidente. Cada uma das articulistas, que, na versão preliminar, haviam escrito um parágrafo curto, sem aprofundamento dialógico, criaram dois parágrafos expondo e discutindo pontos de vista contrários:

Mesmo diante desta realidade, existem pessoas que têm coragem de dizer que o Bolsa Família não é necessário. É preciso sim, para ajudar pessoas que não têm condições financeiras. Muitos dizem que o "bolsa família não cria políticas públicas que forneçam oportunidades de emprego e incentivo para que possam ganhar um dinheiro mais digno.", mas por que ganhar o benefício não é digno?, só não é digno, quando a pessoa está ganhando, mas não precisa. É digno sim porque ajuda famílias a não passarem fome, ajuda as crianças não desistirem de seus estudos, com isso garantindo um futuro melhor.

Argumentos contrários ao Programa, como os citados, são facilmente vencidos quando descobrimos que o valor da Bolsa, em famílias que tenham entre seus componentes jovens, pode chegar até 96,00 reais. Mas quando é verificada extrema pobreza, não existe um valor definido, já que o valor depende do cálculo que é realizado na família nessa condição. Em alguns casos, pode chegar a 205,00 reais mensais. Nota-se, portanto, que se trata de um valor baixo, mas que contribui com aqueles que pouco ou nada têm (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 1 - transcrição).

O feminicídio é um acontecimento presente hoje em dia. Estudos mostram que 12 mulheres são assassinadas por dia e 135 são estupradas por dia. No mundo, 1 de cada 10 mulheres também adolescentes já sofreram

abuso sexual. Dizem que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” mas, se mete sim! Se você vê uma mulher sendo maltratada, espancada pelo... sendo violentada física ou psicologicamente e não faz nada para tentar ajudar, em outras palavras, deixa por aquilo mesmo, você está só ajudando mais um agressor a escapar da justiça, não receber seu devido castigo, a prisão. A pena máxima para um caso de feminicídio segundo a Lei Nº 13.104/2015 é de 12 a 30 anos de cadeia.

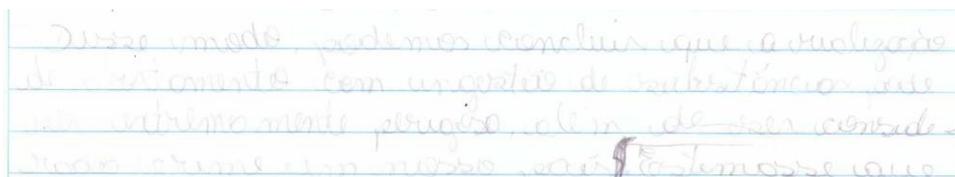
Um equívoco: a mulher é tida como sexo frágil pelo fato de que a grande maioria é mais debilitada de força física. Ledo engano. A mulher é forte e prova isso no seu dia a dia, né moreh! É certo que pode ser mais propensa a maus tratos. Algumas mulheres aceitam que seus “companheiros” batam nelas, não por gostarem, mas, sim por medo, medo de não conseguir seguir em frente, medo por muitas vezes estarem sendo ameaçadas de morte, ou por simplesmente seu “amado” mexer com seu psicológico, afirmando que mais ninguém vai querer ficar com ela, que ninguém mais vai amá-la. Chegam a insultar falando que é gorda, que não presta para nada, que não é bonita, demonstrando claramente seu sexo afetado que para conseguir de certa forma segurar a mulher precisa xingar ela, porque sabe que se ela quiser tem total capacidade de seguir em frente, de conseguir alguém melhor ou de conseguir se virar sozinha, não dependendo de ninguém (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 5 - transcrição).

Na versão final, além de aludirem aos posicionamentos contrários, elas os combatem com a intenção de, a um só tempo, fragilizá-los, como também reforçam os seus próprios argumentos. Após o acompanhamento, individual e coletivo, leituras, discussões e reescritas, a escrita foi se delineando por meio do diálogo entre pesquisadores e alunas, com flagrante melhoria na realização de cada reescrita em direção a bons artigos.

É importante registrar que algumas alunas diziam ter concluído o artigo. Ao lê-los, fazíamos algumas considerações de ordem sintática ou semântica e indicávamos o que faltava. Por vezes, dirigimo-nos ao grupo para reforçar o fato de que o enunciado carecia de um fechamento, uma conclusão. Então, recordávamos em que consistia essa parte, afirmando que deveriam retomar a tese proposta na introdução e reforçar o posicionamento assumido. Dizíamos, ainda, que, para concluir, já que se tratava de um assunto social, era necessária uma proposta de intervenção, ou seja, elas deveriam apontar ações que minimizassem ou resolvessem o problema discutido.

Inicialmente, para a conclusão do artigo sobre o aborto, o sujeito 7 escreveu:

Aluna 7

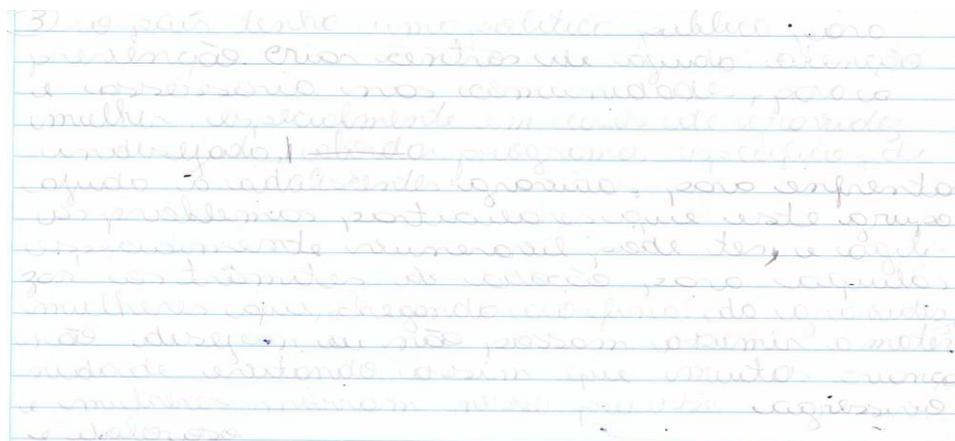


Desse modo podemos concluir que a realização do abortamento com ingestão de substância pode ser extremamente perigoso além de ser considerado crime em nosso país.

Desse modo podemos concluir que a realização do abortamento com ingestão de substância pode ser extremamente perigoso além de ser considerado crime em nosso país (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 7 - transcrição).

Ao ler a conclusão da aluna 7, ponderamos que ela precisava de mais substância, ou seja, que fizesse intervenção, com indicativo de ações para a questão. Depois desse diálogo, a articulista reescreveu:

Aluna 7



O país tenha uma política pública para prevenção. Criar centros de ajuda, atenção e assessoria nas comunidades, para a mulher, especialmente em casos de gravidez indesejada, programas específicos de ajuda para adolescentes grávidas, para enfrentar os problemas particulares que este grupo especialmente vulnerável pode ter, e agilizar os trâmites de adoção para aquelas mulheres que, chegando ao final da gravidez, não desejem ou não possam assumir a maternidade, evitando assim que muitas crianças e mulheres morram nesse processo agressivo e doloroso.

O país tenha uma política pública para prevenção. Criar centros de ajuda, atenção e assessoria nas comunidades, para a mulher, especialmente em casos de gravidez indesejada, programas específicos de ajuda para adolescentes grávidas, para enfrentar os problemas particulares que este grupo especialmente vulnerável pode ter, e agilizar os trâmites de adoção para aquelas mulheres que, chegando ao final da gravidez, não desejem ou não possam assumir a maternidade, evitando assim que muitas crianças e mulheres morram nesse processo agressivo e doloroso (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 7 - transcrição).

Assim ficou a redação final da conclusão, após nova reescrita decorrente da leitura e debate entre nós.

Desse modo, afirma-se que a realização do aborto com ingestão de substância pode ser extremamente perigosa, além de ser considerada crime em nosso país. Para combater esse problema, é preciso que o país

tenha uma política pública para a prevenção. Criar centros de ajuda, atenção e assessoria nas comunidades, sobretudo as mais carentes, para mulheres, especialmente em casos de gravidez indesejada. Apresentar programas e ações já existentes e específicos de ajuda a adolescentes grávidas para enfrentar os problemas particulares que este grupo especialmente vulnerável pode ter. Outra ação que pode contribuir é a de agilizar os trâmites de adoção para aquelas mulheres que, chegando ao final da gestação, não desejem ou não podem assumir a maternidade. Tudo isso pode evitar, portanto, que muitas mulheres e crianças morram nesse processo agressivo e doloroso (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 7 - reescrita).

O trecho em tela, escrito pela aluna 7, comprova que as práticas de linguagem mobilizadas para efetivar os atos de escrita e reescrita propiciam um avanço no domínio da linguagem. Ao comparar a primeira versão com a última, exposta anteriormente, parece se tratar de enunciados completamente diferentes, o que na verdade realmente o são do ponto de vista de conteúdo discursivo-significativo e persuasivo. Não há dúvida de que o processo de melhoria do texto incidiu também na evolução da aluna que o criou. Se antes escrevera uma conclusão de apenas duas linhas e meia, ao final, após intervenções, leituras e reflexões, foi capaz de escrever doze linhas. Não é apenas a extensão que nos chama à atenção e que evidencia crescimento da articulista, mas, sobretudo, a qualidade do trecho, seu conteúdo discursivo-argumentativo e sua adequação às características do gênero artigo de opinião.

Em tese, todas as alunas apresentaram melhorias em relação a primeira versão criada, atendendo às características da conclusão. Para ilustrar, citamos outro exemplo em que a aluna 2 registrou, na introdução, que "*A solidariedade humana tem o poder de salvar vidas de diversas formas, uma delas é a doação sanguínea*" e prosseguiu expondo que "[...] *a sociedade não tem se doado a praticar esse ato tão nobre*" para, por fim, criar a tese com o questionamento "*O que e como fazer para que as pessoas doem sangue?*". Isso posto, conseguiu, muito bem, concatenar o assunto à conclusão, como se verifica a seguir:

Diante disso, como vimos a doação de sangue é uma questão que precisa ser ampliada. Para isso, é necessário que o quarto poder, a mídia social deve usar de todo seu poder de persuasão para surtir efeitos positivos na sociedade, por meio de campanhas publicitárias nos mais diversos meios de comunicação, trazendo, assim, a doação presente na vida das pessoas, tornando-nos mais familiarizados com o ato de doar. Além disso, o poder público deve incentivar instituições de educação e as ligadas à saúde em uma só causa: fomentar a questão empática, com o propósito de fazer com que as pessoas se motivem a doar vida, que é o que o sangue proporciona (Fonte: Banco de dados dos pesquisadores – aluna 7 - reescrita).

Sobre a consecução da relação entre as partes do enunciado escrito pela aluna, afirmamos tratar-se de tarefa não tão fácil de se executar no ato da escrita, principalmente por pessoas tão jovens e que não têm o ato de escrever como atividade constante. O alcance da unidade enunciativa foi resultado de esforço intelectual para escrever e reescrever os períodos concatenando ideias e as partes de maneira que o todo discursivo concorresse para significar o que, de fato, ela queria expressar. Essa capacidade obtida no processo de criação dos enunciados revelou que ela alcançou o domínio da articulação da linguagem ao conseguir obter a unidade significativa, característica necessária ao ato de escrever. Isso ainda denotou avanço na percepção e domínio do todo enunciativo, o que prova que sua visão de mundo também está em ascendência.

Apesar de não ter sido intenção criar artigos por partes, a dinâmica empreendida no processo permitiu que as alunas assim o fizessem. Cada parte criada era levada até nós, que a líamos, discutíamos e lhes sugeríamos alterações e leituras para a melhoria do enunciado. Assim, os artigos foram surgindo, sempre com a intenção de promover o crescimento das alunas, tanto na questão do domínio da linguagem escrita, como na capacidade de construir e expressar pontos de vista sobre assuntos em voga na sociedade.

#### **4. Conclusão**

Neste artigo, além da discussão na perspectiva da Filosofia da Linguagem, discutimos como o ato de escrever atua no alcance do domínio da linguagem e, conseqüentemente, no avanço das questões que esse domínio propicia. Por conta disso, defendemos que a prática do ato de escrever seja uma atividade recorrente no contexto escolar, de maneira que os alunos criem enunciados, por meio da efetivação dos atos de escuta, de fala, de leitura, de interação com outros discursos e de reflexão sobre eles. Advogamos em defesa da tese de que a prática docente precisa pôr a linguagem no centro do desenvolvimento do ensino.

Esse ato mobiliza um conjunto de outras práticas ou ações para sua consecução. O aluno deve ler, ouvir, falar, discutir, ou seja, dialogar e interagir com outros discursos, sendo todos esses atos possíveis pela atuação da linguagem, para efetivar a escrita do enunciado que pretende. Esse processo requer, ainda, uma postura reflexiva para poder apreender e significar as informações socialmente construídas, bem como ressignificá-las nos enunciados escritos.

Ao escrever, o aluno trabalha com os aspectos internos (morfológicos, sintáticos, estilísticos) e externos da linguagem erigidos nas interações de interlocução e diálogo com enunciados de outros. Nesse

SOUZA, Moisés José Rosa; ARENA, Dagoberto; MOREIRA, Melissa Velanga. A Escrita no Ensino Médio: uma proposta para apreensão e domínio da linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 65-87. 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

processo, ao apropriar-se da modalidade escrita da linguagem, avança na apreensão e compreensão dos discursos atuais e os criados tempo afora, bem como potencializa formas de dialogar, interagir e expressar-se socialmente.

O trabalho com a modalidade escrita, por meio do gênero artigo de opinião, possibilitou que os sujeitos mobilizassem a linguagem e suas potencialidades de maneira que a consciência linguística fosse se formando. Nesse processo, a apropriação de conhecimentos, bem como a criação de outros e o desenvolvimento do pensamento crítico, amalgamado no ato de escrever, foram paulatinamente modificando a forma de compreender a linguagem e de mobilizar suas potencialidades significativas.

### **Referências bibliográficas**

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa (et al). São Paulo: Contexto, 2018.

ANTUNES, Irandé. *No meio do caminho tinha um equívoco: gramática, tudo ou nada*. (p. 115-121). In BAGNO, Marcos, (Org.) *Linguística da Norma*, 3. ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAJARD, Élie. *Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

COLELLO, Sílvia de Mattos Gasparian. *A escola que (não) ensina a escrever*. 2ª ed. Revisada. São Paulo: Summus, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GARCEZ, Lucília. *Técnicas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015a.

GERALDI, João Wanderley. *Ancoragens – estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015b.

SOUZA, Moisés José Rosa; ARENA, Dagoberto; MOREIRA, Melissa Velanga. A Escrita no Ensino Médio: uma proposta para apreensão e domínio da linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.XLIX: 65-87. 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural: infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

PONTOS de Vista: *Caderno do Professor: orientação para a produção de textos* / [Equipe de produção: Ana Paula Severiano, Egon de Oliveira, Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral]. São Paulo: Cenpec – Coleção da Olimpíada, 2019. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/especial-artigo-de-opiniao>. Acesso em 25 julho de 2019, às 14h32min.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

ROCHA, Regina Braz da Silva Santos. O ensino da escrita argumentativa na perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, 7 (1): 199-218, Jan./Jun. 2012.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: uma abordagem de Bakhtin. (p. 152-183). In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-Roth, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A Construção da Enunciação e Outros Ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 19/02/2021  
Aprovado em: 09/09/2021